

Recensão

The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent, de Kazuo Ishiguro¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Kazuo Ishiguro, Stacey Kent, Bianca Bagnarelli, intertextualidade, estudos interartísticos

Keywords: Kazuo Ishiguro, Stacey Kent, Bianca Bagnarelli, intertextuality, interartistic studies

Em 2002, o escritor japonês Kazuo Ishiguro, que viria a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 2017, concedeu uma entrevista à Radio 4, um canal da BBC de índole cultural. Convidado a escolher uma canção que levasse para uma ilha deserta, Ishiguro elegeu um tema de Stacey Kent, uma prestigiada vocalista de *jazz*, nomeada para os prémios Grammy (Ishiguro, 2024 xii).

No decurso da referida entrevista, a editora discográfica Desert Islands, lançou-lhe um repto: elaborar as letras do próximo álbum de Kent, intitulado *In Love Again* (2002). O escritor aceitou de bom grado este desafio, por ser apreciador do jazz introspetivo da cantora norte-americana, que descobriu após a audição do trabalho *The Tender Trap* (1999) (Ishiguro, 2024: xii).

Para os leitores da obra de Ishiguro, composta sobretudo por romances, este projeto na área da música pode ter suscitado estranheza. Contudo, o autor revela, no prefácio de *The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent*, possuir um longo percurso como letrista:

The earlier career of mine began in earnest at the age of fifteen, when I wrote a Leonard Cohen-style song called ‘Shingles’ (the sort encountered beside the sea, not the painful skin affliction) and performed it to bemused school-friends gathered that evening for a domestic table tennis tournament. After that, I became unstoppable, and by the time I began work on my first novel, *A Pale View of the Hills*, in my mid-twenties, I’d written well over a hundred songs. (Ishiguro, 2024: vii)

Stacey Kent, Jim Tomlinson (o compositor da cantora) e Ishiguro acordaram que as letras deveriam ser adaptáveis a um sujeito poético feminino, conter referências culturais

¹ Mancelos, João de. “*The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent*, de Kazuo Ishiguro”. *Revista Portuguesa de Humanidades* (Universidade Católica Portuguesa, Braga) 29: 1–2 (2025): 127–132. ISSN: 0874-0321; eISSN: 2184-4712.

contemporâneas e evitar um tom demasiado melancólico. O autor explica: “however sad, however bleak the song became, there had to be an element of hope. (...) She [Kent] needed that sliver of hope to reach into the hearts of the audience” (Ishiguro, 2024: xiv-xv).

Principiou uma frutuosa colaboração entre o letrista e a intérprete, plasmada em canções dispersas pelos álbuns *Breakfast on the Morning Tram* (2007), *Dreamer in Concert* (2011), *The Changing Lights* (2013), *I Know I Dream* (2017), *Songs From Other Places* (2021) e *Summer Me, Winter Me* (2023). O volume *The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent* reúne dezasseis desses textos, versando os temas do amor e da viagem através de metrópoles quer da Europa (Paris, Veneza, Verona, etc.), quer da Ásia (Macau, Tóquio, Nagoya, entre outros).

É legítimo questionar: até que ponto as letras funcionam, em livro, sem a correspondente música? Ishiguro mostra-se ciente deste desafio no prefácio: “It’s rare that a song lyric, isolated from its melody, orchestration and performance, can satisfyingly double as something to be read. And it remains my belief that a song lyric is not, and works quite differently, from a poem” (Ishiguro, 2024: xv).

Para resolver o problema, Ishiguro recorre a duas estratégias: em primeiro lugar, o livro inclui um “QR code” que permite aceder aos temas musicais de Kent, disponibilizadas em diversas plataformas de *streaming*; em segundo, os textos surgem ilustrados por imagens da artista italiana Bianca Bagnarelli. Esta *designer* cofundou a editora de banda desenhada Delebile, o seu volume de estreia, *Fish* (2014), foi galardoado com a medalha de ouro da Society of Illustrators of New York, e colaborou com os prestigiados *The New York Times* e *National Geographic Magazine* (Ishiguro, 2024: badana).

As ilustrações de Bagnarelli primam sobretudo pelo traço elegante, atento aos pormenores, com cores vivas, próximo ao estilo de manga. Trata-se de um tipo de banda desenhada aos quadradinhos, desenvolvida em finais do século XIX, originária do Japão, mas hodiernamente disseminada pelo mundo e muito popular entre os jovens (Bouissou, 2010: 17-20). Neste contexto, como terei oportunidade de exemplificar, as suas imagens criam atmosferas evocativas de diversas cidades da Europa e da Ásia.

Este cruzamento entre as palavras de Ishiguro, a música de Kent e as ilustrações de Bagnarelli enriquece o volume em apreço e distingue-o favoravelmente de outras coletâneas de letras, cingidas apenas ao texto. Em conjunto, os suportes escrito, gráfico e musical narram, em simultâneo, dois percursos: a viagem física de um casal através de diversos países e o trajeto emocional do seu relacionamento romântico.

Não cabe no escopo desta breve recensão analisar todos os textos, pelo que me cingirei aos três mais significativos para a temática abordada, sem nunca esquecer as imagens e canções

que os acompanham e contextualizam: “I Wish I Could Go Travelling Again”, “So Romantic” e “The Summer We Crossed Europe in the Rain”.

Em conjunto, as letras tecem uma espécie de enredo, resultante da colagem de diversos momentos de uma jornada empreendida no passado e de reflexões tecidas acerca da mesma, no tempo presente. O texto de abertura, “I Wish I Could Go Travelling Again”, anuncia, desde logo, a sede de viajar. Contudo, tal desejo é ambivalente ou mesmo contraditório: por um lado, uma mulher recorda as deambulações aprazíveis, no verão, em companhia do namorado; por outro, constata a impossibilidade de as repetir, devido ao término da relação, por iniciativa dele.

As seguintes estrofes ilustram esta dicotomia:

I wish I could go travelling again
I want to be awakened by a faulty fire alarm
In an overpriced hotel devoid of charm
Then fall asleep back in your arms
I wish I could go travelling again.

But how can I keep travelling again
When I know I'll just keep remembering again
When I know I'll just be gathering again
Reminds to break my heart?
(Ishiguro, 2024: 3 e 5)

As duas ilustrações da letra mostram a viajante, com um vestido branco, leve, estival. Na primeira, surge de frente, sorrindo, como se estivesse a posar para uma fotografia e — pormenor importante — nos seus óculos espelhados, aparece o rosto do companheiro. Pelo contrário, na segunda imagem, a jovem emerge em plano picado (um expediente que no design acentua a inferioridade da figura), contemplando o céu. As lentes dos óculos já não refletem o namorado, mas sim um avião cruzando as nuvens, símbolo, talvez, da ausência deste. Assim, do contraste entre as ilustrações ressuma a impossibilidade de repetir a viagem e, concomitantemente, de reatar a relação romântica (Ishiguro, 2024: 2 e 4).

A voz de Kent empresta à melodia ora uma atmosfera de entusiasmo, perante a possibilidade de viajar, sublinhada pelo ritmo rápido da percussão, ora a saudade expressa pelos andamentos mais lentos, recordando um amor desaparecido num verão talvez longínquo.

O poema “So Romantic” encontra-se imbuído, precisamente, desse sentir melancólico, ao apresentar, uma série de fragmentos mágicos, que o sujeito poético associa ao seu amado:

It was so like you to choose such a moment
The sun setting over the square
A pavement café, the local children at play
The sound of an accordion somewhere
(Ishiguro, 2024: 15)

De súbito, a meio da estrofe, a atmosfera romântica é brutalmente interrompida pela revelação do namorado, que considera a relação frágil e destinada a soçobrar:

You suddenly said Fate was pulling us apart
 Then you shrugged, like there was nothing more to add
 I suppose you considered that so romantic
 Well, I just considered it sad
 (Ishiguro, 2024: 17)

O título, “So romantic”, reveste-se agora de ironia, pois a mulher mostra-se incapaz de conciliar o triste término do namoro com a atmosfera aparentemente romântica de uma viagem através do mundo:

Perhaps you’re living in America now
 Perhaps you’re in Timbuktu
 A small part of me, even after this time
 Has never stopped waiting for you
 To live in this state of hoping
 When hoping seems so utterly mad
 I can’t help but consider that so romantic
 Though I know I should consider it sad
 (Ishiguro, 2024: 17)

Do paralelismo estrutural (“Perhaps you’re living in America now / Perhaps you’re in Timbuktu”) ressuma a musicalidade intrínseca ao próprio texto; já os versos longos se coadunam com o tom melancólico e o estilo tipicamente arrastado do jazz mais nostálgico.

A correspondente canção de Stacey, uma das mais célebres do seu catálogo, sintoniza, em simultâneo, a evocação de uma viagem aprazível, mas cortada pela amarga desilusão. O tema arrasta-se, lânguido, ocasionalmente descompassado, servido por um solo de trompete plangente.

A terceira letra que escolhi para analisar, “The Summer We Crossed Europe in the Rain”, serve de título à antologia e resume o espírito de amor, saudade e perda que tanto aprecio na música *jazz* cantada, em geral, e na de Stacey, em particular. A primeira estrofe imprime ao poema o tom de desencanto, perda irremediável e inelutabilidade *da capo al fine*:

You say it’s the way these passing years have treated you
 That the weight of the dreams you once carried has now defeated you
 That our candlelit dinners will all just be reheated through
 Our quarrels and disappointments just get repeated too
 (Ishiguro, 2024: 41)

A estrofe resume um namoro desgastado por querelas constantes, onde a surpresa, tal como uma refeição requeitada demasiadas vezes, já não marca presença. E, contudo, o sujeito poético feminino parece ainda acreditar e recusa render-se, como atesta a seguinte proposta, em versos breves, entusiásticos, servidos pelo paralelismo estrutural:

Let's be young again, if only for the weekend
 Let's be fools again, let's fall in at the deep end
 Let's do once more
 All those things we did before
 The summer we crossed Europe in the rain

Remember that hotel, the crooked balcony door
 From where we stood and watched the market in the downpour?
 Sharing warm baguettes
 On sunny cathedral steps
 Dancing the tango, waiting for our train
 (Ishiguro, 2024: 41)

Contudo, esta súplica desesperada ou mesmo patética não obtém resposta alguma do amado, pelo que é lícito concluir que o namoro, tal como a viagem, terminou.

O poema em estudo mereceu a Bagnarelli mais ilustrações do que qualquer outro do livro: quatro. A que antecede o texto mostra o reflexo de um casal a caminhar de mão dada, numa poça de água suja (Ishiguro, 2024: 40). O primeiro elemento é eufórico, evidentemente; já o segundo constitui um prenúncio do término da relação. As próprias cores dominantes, que tingem a imagem, cor-de-rosa e cinzento, acentuam esta dicotomia.

O segundo desenho mostra o casal num plano frontal, encostados um ao outro, à entrada de uma igreja (Ishiguro, 2024: 42). Contudo, mesmo aqui, se nota um elemento disfórico: ambos são quase silhuetas, os pormenores obscurecidos pela luz solar, atrás de si, e a ominosa sombra, talvez o símbolo de um futuro triste para o seu namoro, à frente.

A terceira ilustração preenche duas páginas e corresponde à da capa do volume (Ishiguro, 2024: 45-46). Em minha opinião é a mais representativa imagem do livro, pois resume o espírito temático do amor e da viagem: o casal dança, junto a um comboio, numa plataforma de caminho de ferro quase deserta, o seu reflexo na janela de uma carruagem. Estão próximos, encostados um ao outro, e, contudo, parecem profundamente sós.

Já a quarta imagem é significativa da ideia de perda: o elemento humano encontra-se quase ausente e é substituído por uma série de objetos associados à viagem: um búzio e uma concha; algumas moedas e uma nota italianas; um título de transporte; um batom e uma caixa de fósforos. Por fim, uma polaroide retrata o casal: ela sorri, timidamente, mas ele não, o semblante sério, desiludido. Nesta ilustração, os despojos da viagem sugerem os resquícios de

um amor soçobrado (Ishiguro, 2024: 46).

A canção de Kent sintoniza o até reforça o espírito da letra: o baixo marca um ritmo lento, próprio da melancolia; o piano enfatiza timidamente a proposta de uma viagem destinada a reanimar o amor; a voz lânguida de Kent soa mais evocativa do que esperançosa; e as pausas, quase impercetíveis sugerem memórias fragmentadas.

O volume *The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent*, de Kazuo Ishiguro, constitui, mais do que um exercício de intertextualidade, uma colaboração entre três artistas, cada qual com uma sólida reputação na sua área. As letras de Ishiguro, a música de Kent e a ilustração de Bagnarelli conjugam-se para criarem uma obra coesa e harmoniosa. Cada qual na sua arte, com engenho e em sintonia, transmitiu a atmosfera agri-doce de uma jornada física, mas também emocional, na perspectiva de uma mulher que recorda um amor perdido nos sinuosos trilhos do mundo moderno.

Bibliografia e discografia

Bouissou, Jean-Marie. "Manga: A Historical Overview". *Manga: An Anthology of Global and Cultural Perspectives*. Ed. Toni Johnson Woods. New York: Continuum, 2010. 17-33.

Ishiguro, Kazuo. *The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent*. Introduction by Kazuo Ishiguro. Illustrated by Bianca Bagnarelli. 116 pp. London: Faber & Faber, 2024.

Kent, Stacey. *The Summer We Crossed Europe in the Rain*. Stream Music. Token, 2024.

Resumo

O "art book" *The Summer We Crossed Europe in the Rain: Lyrics for Stacey Kent*, do vencedor do Prémio Nobel da Literatura, Kazuo Ishiguro, constitui um exercício de intertextualidade e de atividade interartística, resultante da uma colaboração entre três criadores. Este breve estudo analisa como as letras de Kazuo Ishiguro, a música da compositora e vocalista Stacey Kent e a ilustração de Bianca Bagnarelli se conjugam para criarem uma obra coesa. Cada artista transmitiu a atmosfera de uma jornada física e emocional de uma mulher que recorda um amor perdido nos trilhos do mundo moderno.